

Botelho de Oliveira.

Poeta cheio de encanto, de gosto e de doçura foi Botelho de Oliveira para a sua epocha, em que dominava a escola de Gongora e de Marini, com todo o seu cortejo de antitheses, de trocadilhos e de conceitetti; era o sol do inverno que então agradava, cujos raios, por debeis e calmos, tanto apreciámos, e enquanto que Gregorio de Mattos satyrisava e ridicularisava o seu seculo, campeava elle á frente da sua escola com a sua *Musica do Parnaso*.

Nascido na Bahia em 1636, concluiu os seus estudos em Coimbra, regressando depois á patria, onde, occupando-se na advocacia das causas forenses, amenisava o tédio da profissão com o entretenimento da poesia, compondo esses coros de rimas italianas, castelhanas, portuguezas e latinas, que depois formaram a *Musica do Parnaso*, que so tem por defeito o defeito do seculo.

Gozando de alguma popularidade, não so foi vereador do senado da Bahia, como capitão mor de uma de suas comarcas, todavia sua vida foi tranquillã e serena, até que della passou para outra existencia mais pura e amena, em janeiro 9 de 1711.

Sobresahem de entre os coros de sua *Musica do Parnaso* muitas poesias bonitas, nas quaes assaz se distingue a doçura de seus versos, e que como flores desabrocham no meio dos espinheiros. Não jazem ellas ali por entre a alluvião de outras muitas sem merito algum para o gosto da actualidade? E entretanto essas flores ali estiveram, sem que uma mão as colhesse, como estas flores agrestes de nossos ermos desconhecidas e perdidas.

SOBRE OS MALES ORIGINADOS PELO OURO.

CANÇÃO.

Os monarchas sustentam poderosos,
N'este metal prezado,
Imperios, se vio lentos, generosos;
Porém, tendo nos reis imperio amado,
Executando faccis vituperios,
Tem imperio nos reis, é rei de imperios.

A justiça corrompe verdadeira
No ministro imprudente,
Quebra as regras de justa, as leis de inteira;
Pois esta forma no interesse ardente,
Não com fiel, mas infiel desprezo
Da cobiça a balança, do ouro o peso.

Inferno, se padece lastimoso,
Não se logra ouro claro
Nas graves pretensões de cubiçoso,
Nos obsequios sollicitos de avaro;
Um o procura, outro não goza delle,
Este Tantalo está, Sisypho aquelle!

Quando faltava d'ouro a gentileza,
A gente pobre e rica
Lograva idade de ouro na pobreza;
Mas quando n'esta idade se publica
Em contrarios motivos de impiedade,
De ferro idades fez, não de ouro idade.

Qual aspid que entre flores escondido,
Na florida belleza
Brota ao peito o veneno mal-sentido;
Assim pois na luzida gentileza
Mata o metal, matando brilhadores
Nos luzimentos um, outro nas flores.

Profanando de Danae a van pureza
Em chuvosos amores,
Apezar de engenhosa fortaleza,
Apezar dos cuidados guardadores,
Murchou na chuva de ouro rigorosa
O modesto jasmim, a virgem rosa!

Entre o logro da paz sollicitada
A guerra determina,
Bem que ouro brilha, engeita a paz dourada;
E quando marcias profusoes afina,
A paz compra, de sorte que na terra
Guerra se ve da paz, é paz da guerra.

A natureza em vêas escondidas
Crêa o metal occulto,
Quicâ piedosa das mortaes feridas;
Mas quando o desentranha humano insulto,
Da mesma vêa d'onde nasce bello
Corre logo a ambição, mana o desvelo.

O rigor se arma, a guerra se refina,
 A cubiça se apura,
 A morte contra o peito se fulmina,
 O engano contra o peito se conjura,
 De sorte que accumula ao peito humano
 Rigor, guerra, cubiça, morte, engano.

Canção, suspende já de Euterpe o metro.
 Que em Philis tens para cantar no Pindo
 De seu cabelo de ouro, ouro mais lindo!

Botelho de Oliveira.

A ANARDA.

Qual gyrasol por amante
 Soliciça o ingrato sol,
 Tal meu peito gyrasol
 O sol de Anarda brilhante;
 E qual no estio flammante,
 Quer zephyro e quer verdor
 O prado, quer meu amor.
 Abrasado na esquivaça,
 O verdor de uma esperança,
 O zephyro de um favor.

Qual o centro natural
 Deseja o fogo nocivo,
 Qual pretende o mar esquivo
 Do rio ameno o crystal;
 Tal busca em desejo igual
 De Anarda no senhorio,
 Que é centro de ardor impio.
 Que é mar de crystaes brilhante,
 De meu peito o fogo amante,
 De meu pranto o largo rio.

Qual o monte sublimado,
 Qual a planta envelhecida;
 Esta de folhas despida,
 Aquelle de cans nevado;
 Querem n'um e n'outro estado
 De abril o bello horizonte;
 Taes querem de Anarda a fronte,
 Como abril de graça tanta,
 De meu pensamento a planta,
 De minha firmeza o monte.

Botelho de Oliveira.

A ROSA.

Na bella Anarda uma rosa
 Brilhando desvanecida,
 Padeceu por atrevida,
 Menoscabos de formosa;
 Po's que Anarda vergonhosa,
 Com mais bella galhardia,
 Do que era d'antes, se via,
 Pois quando se envergonhava
 Mais vermelha se jactava,
 Mais formosa se coria.

Botelho de Oliveira.

O BOTÃO DE ROSA. ¹

Botão de rosa,
 Mimosa flor,
 És o retrato
 De meu amor.

Se tu tens nas breves folhas
 Suave, purpurea cor,
 Nas pulchras faces de Lilia
 Arde em chammas o rubor.

Botão de rosa,
 Mimosa flor,
 És o retrato
 De meu amor.

Se o ar vizinhos perfuma
 Com o teu suave odor,
 De Lilia o virgineo bafo
 Inspira e convida a amor.

Botão de rosa,
 Mimosa flor,
 És o retrato
 De meu amor.

Tu abres o rubro seio
 Ao formoso beijaflor,
 Nos botões do seio della
 Abre a vida o casto amor.

¹ Inedito,